

RELATO PESSOAL DE CONVIVÊNCIA A DISTÂNCIA

Amarílis Tupiassú



RELATO PESSOAL DE CONVIVÊNCIA A DISTÂNCIA

Amarílis Tupiassu¹

Rebusco na memória os encontros com Carlos Drummond de Andrade. Fizeram-se ao longo da vida; o primeiro me vem do fundo da infância, e das margens dessa primeira idade fluem impressões sonoras mais que vultos de pessoas. A primeira vez que ouvi o nome do poeta... um nome como outro qualquer. Posso lembrar agora com lucidez. Meu pai está numa sala um pouco escura porque a lâmpada é fraca e lá fora se faz o crepúsculo. De impressivo na hora só o ciclo das cigarras antes do anoitecer. Na sala meu pai quer silêncio; faz psius e ajeita no toca-disco "Garrard" um long-play de 45 rotações que sempre escuta e põe de volta na capa amarela que se estampa com as fotografias de Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. Eu não conseguia acompanhar bem o significado das palavras saídas daquele disco. Impressionava-me mais às primeiras vezes a atitude quase contrita de meu pai. Não entendia a força da voz do homem sobre o outro homem. Meu pai parecia até que rezava. Quanto a mim, achava feias as vozes do disco. Achava a de Drummond sem força, como se falasse sem vontade, como se deixasse só escorrer a fala, uma voz monocórdia, não enternecida, uma voz sem muito sentimento. A de Bandeira apa

¹ - Doutora em Literatura Portuguesa. Professora da Universidade da Amazônia.



RELATO PESSOAL DE CONVÊNIA A DISTÂNCIA

gou-se-me na memória, apesar de flagrar, vez por outra, boiando-me na mente longínquas ressonâncias daquelas audições. "Totonho Rodrigues"; "Capeberibe, Beberibe"; "Um dia eu vi uma moça nuinha no banho/ Fiquei parado o coração batendo/ Ela se riu/ Foi o meu primeiro alubrimento". Um Bandeira muito esparso e sumido me chega daquela sala. Do Drummond, lembro-me de que ficava muito impressionada com três histórias. Para a menina eram só histórias e não poesias, poemas. Morte do leiteiro. Tinha dó do leiteiro morto a tiros, altas horas da madrugada, confundido com ladrão. Não fazia questão de compreender todas as palavras. Não atinava com o sentido de algumas. Alubrimento é um deslubrimento muito, mas muito mais forte, menina. Eu queria mesmo era beber a história e olhar o jeito de meu pai quieto vendo os acontecimentos que a voz dizia. "Meu leiteiro tão sutil/ de passo maneiro e leve,/ antes desliza que marcha". Sutil? O que o homem queria dizer com "sutil", com "desliza"? me passava pela cabeça. Só não podia perguntar enquanto ouvisse, que meu pai sequer respondia; punha o indicador para cima na boca, ficava na gente olho de quase raiva, não dava trela a mais nada na vida. E depois, quando passava aquela hora, eu esquecia de perguntar. "Da garrafa estilhaçada/ no ladrilho já sereno/ escorre uma coisa espessa/ que é leite, sangue... não sei". Na minha cabeça eu ouvia benzinho "Os tiros na madrugada". E me roía na curiosidade de saber mesmo "Se era noivo, se era virgem/ se era alegre, se era bom" o leiteiro abatido por engano. Mas como que um rapaz podia ser virgem igual Nossa Senhora? Depois, quando perguntei, só me disseram que quando crescesse mais saberia. Eu via lance por lance aquela morte e fechava os olhos para repelir a visão, mas que nada, a voz se grudava nos olhos, por dentro do pensamento, e eu sentia tudo como se eu também estivesse presente na madrugada fatídica.

Outro poema, saído dos sulcos do disco, também falava de morte. Morte no avião. Nunca esqueci o início: "Acordo-me para a morte./ Barbeio-me, visto-me, calço-me./ É meu último dia: um dia/ cortado de nenhum pressentimento./ Tudo funciona como sempre./ Saio para a rua. Vou morrer". Vejo-me quieta na quase penumbra. Tinha medo da morte e dava graças a Deus de não ser aquele homem que sabia de seu fim para o dia seguinte. Se fosse eu, cochichava com minha irmã, morria logo



de véspera. Tinha medo daquele poema tanto quanto gostava de escutá-lo. Por que seria? Só não entendia o motivo de no final não se dizer claramente se o homem morria ou não. Ele não se via todo esfrangalhado com os outros passageiros do avião? Quem então tinha vivido para contar sobre os detalhes do desastre? Quem, senão o desastrado, a saber daquela angústia tamanha, a angústia de saber? Por isso não gostava muito da Morte no avião. Parecia-me sem pé nem cabeça aquela história. Não sabia como meu pai podia gostar de um poema incompleto. E, ainda por cima, postado ali horas ouvindo e a gente também sem direito a nada, a não ser a silêncio e quietação.

MORTE DO LEITEIRO

Há pouco leite no país,
é preciso entregá-lo cedo,
há muita sede no país
é preciso entregá-lo cedo.
Há no país uma legenda,
que ladrão se mata com tiro.

Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite com para gente ruim.
Sua lata, suas garrafas,
seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens de sono
que ninguém acordou cedinho
e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca

para todos caírem força
na luta brava da cidade.

Na mão e garrafa branca
não tem tempo de dizer
as coisas que lhe atribuo
nem o moço leiteiro ignaro,
morador da Rua Namur,
empregado no entreposto,
com 21 anos de idade,
sabe lá o que seja impulso
de humana compreensão.
E já que tem pressa, o corpo
vai deixando à beira das casas
uma apenas mercadoria.

E como a porta dos fundos
também escondesse gente.



No disco havia, porém, uma história mais comovente que todas as histórias. Chegava até a pedir, a torcer para que tocasse. Caso do vestido. Gostava do jeito como as palavras se encaixavam uma na outra. Sem ninguém cantar, parecia até que as palavras se cantavam elas mesmas. Em compensação não conseguia acreditar num amor daqueles. Minha mãe tinha raiva do homem do poema mais que da mulher. São eles, são eles, dizia longe do meu pai. Ela sabia que existia, sim, mulher como aquela. Falava com convicção. Minha irmã respondia que não. De que jeito a esposa, com que cara, ia pedir uma coisa daquelas à amante do seu próprio marido? Maldizia a petulância da rapariga. Apesar de as palavras serem música era impossível acreditar naquele amor. "Mas quando? Apostotó, isso só mesmo em poesia, em casos de invenção, uma mulher sem amor-próprio deste jeito!" insistia minha irmã que já namorava. Mesmo sem acreditar, mal começava o poema, ficava todo mundo ali e já não havia em casa quem não soubesse trechos daquele sofrimento.

Nossa mãe, o que é aquele

vestido, naquele prego?

Minhas filhas, é o vestido

de uma dona que passou.

Passou quando, nossa mãe?

Era nossa conhecida?

Minhas filhas, boca presa.

Vosso pai evém chegando.

Nossa mãe, disse depressa

que vestido é esse vestido.

Minhas filhas, mas o corpo

ficou frio e não o veste."



Só quando estudava Letras, deu-se o segundo encontro e, aos poucos, a tentativa de compreender, de abarcar os sentidos do texto drummondiano, de explicar o motivo do encantamento passado.

Alguns anos depois, concluída a licenciatura em Letras, estávamos no Rio de Janeiro para cursar pós-graduação. Pedrina Silva, Socorro Simões, Pedro e Rosa Assis, Geraldo e Carmem Helena Coelho, Carlos Augusto Sampaio, João José Silva Bordallo Coelho, Telma Lobo. Uma pequena comunidade de paraenses em busca de ampliar campos de saber. Nossa base era um apartamento na avenida Nossa Senhora de Capacabana, final do Posto Seis, Edifício "Bogotá", já nas confluências com Ipanema. Essas confluências testemunharam o terceiro encontro.

Tínhamos o Drummond ao alcance do prazer de ver, de abelhudar, a maneira de se vestir, o andar com os braços parados e levemente dobrados, um hábito de colégio mineiro a ensinar que andar mexendo os braços era coisa de soldado. Vivíamos no mesmo espaço de circulação. Éramos quase vizinhos. Ele morava na rua Conselheiro Lafayette e nós, na dobra para a rua dele; ele todos os dias dobrando para o nosso rumo e nós alegres, curiosos à espera daquela passagem. Era só querer e víamos quando seguia ao cumprimento de sua vida. Ele à espera do ônibus para o Jornal do Brasil, todos os dias, às vezes nos assustando ao correr para alcançá-lo. E logo João José e eu nos aperfeiçoamos no ofício das coincidências, dos encontros ocasionais com o poeta. Jamais o assediávamos. Deixávamos a convivência a distancia evoluir. Mesmo quando o acaso juntava os três na mesma parada de ônibus, não permitíamos que sentissem as nossas palpitações, os nossos rabos de olhos a pescar detalhes daquele criador de fascínios. No térreo de nosso prédio havia uma agência dos Correios. Nela o poeta movimentava suas correspondências. Ficávamos na janela. Era ele vir chegando e podíamos estar na fila atrás dele, quantas vezes sem envelope, sem missão nenhuma e, para disfarçar, inventando perguntas vagas aos atendentes dos Correios. Em alguns desses dias, quando o Correio estava mais concorrido, espichava narinas sorradeiras mais perto do homem magro e de altura meã, atrás de sentir no ar uma flutuação de perfume, uma lavanda. Dava prazer devassar aquela



figura como a descobrir na materialidade do criador alguma coisa mínima que fosse, um halo malmente entrevisto, um furo qual o buraco por baixo do chapéu do boto, um veio, uma veia desumana de criatura encantada, diferente, capaz de explicar-lhe a poesia.

MORTE NO AVIÃO

Acordo entre a morte.
Barbeio-me, visto-me, calço-me.
É meu último dia: um dia
Cortado de nenhum pressentimento.
Tudo funciona como sempre.
Saio para a rua. Vou morrer.
Não morre rei agora. Um dia
Inteiro se desata à minha frente.
Um dia como é longo. Quantos passos
Na rua, que atravesso. E quantas coisas
no tempo, acumuladas. Sem reparar,
Sigo meu caminho. Muitas faces
Comprimem-se no caderno de notas.

Visito o banco. Para que
Esse dinheiro azul se algumas horas
Mais, vem a polícia retirá-lo
Do que foi meu peito e está aberto?
Mas não me vejo cortado e ensangüentado.
Estou limpo, claro, nítido, estival.
Não obstante caminho para a morte.

Penso nos escritórios. Nos espelhos,
Nas mãos que apertam, nos olhos míopes, nas bocas
Que sorriem ou simplesmente falam ou desfilam.
Não me despeço, de nada sei, não temo:
A morte dissimula
Seu bafo e sua tática.



Almoço. Para quê?

Almoço um peixe em ouro e creme.

É meu último peixe em meu último garfo.

A boca distingue, escolhe, julga,

Absorve. Passa música no doce, um arrepio

De violino ou vento, não sei. Não é a morte.

É o sol. Os bondes cheios. O trabalho.

Estou na cidade grande e sou um homem

Na engrenagem. Tenho pressa. Vou morrer.

Peço passagem aos lentos. Não olho os cafés

Que retirem xícaras e anedotas,

Como não olho o muro do velho hospital em sombra,

Nem os cartazes. Tenho pressa. Compro um jornal. É pressa,

Embora vá morrer.

O dia na sua metade já rota não me avisa

Que começo também a acabar. Estou cansado.

Queria dormir, mas os preparativos. O telefone.

A fatura. A carta. Faço mil coisas

Que criarão outras mil, aqui, além nos Estados Unidos.

Comprometo-me ao extremo, combino encontros

A que nunca irei, pronuncio palavras vãs,

Minto dizendo: até amanhã. Pois não haverá.

Declino com a tarde, minha cabeça dói, defendo-me,

A mão estende um comprimido: a água

Afoga a menos que dor, a mosca,

O zumbido... Disso não morrerrei: a morte engana,

Como um jogador de futebol a morte engana,

Como os caixeiros escolhe

Meticulosa, entre doenças e desastres.

Ainda não é a morte, é a sombra

Sobre edifícios fatigados, pausa

Entre duas corridas. Desfalece o comércio de atacado,

Vão repousar os engenheiros, os funcionários, os pedreiros.



Mas continuam vigilantes os motoristas, os *garçons*
Mil outras profissões noturnas. A cidade
Muda de mão, num golpe.

Volto à casa. De novo me limpo.
Que os cabelos se apresentem ordenados
E as unhas não lembrem a antiga criança rebelde.
A roupa sem pó. A mala sintética.
Fecho meu quarto. Fecho minha vida.
O elevador me fecha. Estou sereno.

Pela última vez miro a cidade.
Ainda posso desistir, adiar a morte,
Não tomar esse carro. Não seguir para.
Posso voltar, dizer: amigos,
Esqueci um papel, não há viagem,
Ir ao cassino, ler um livro.

Com o tempo, à força de muitas coincidências, nos sorríamos timidamente. Fluíam olhadelas recíprocas e fugazes. Já dava para olhar os seus baguinhos de olhos azuis. E trocávamos fagulhas de frases tecidas de olhar. Acostumamos a nos ver. Num dia à espera do sinal verde, meus olhos caiu em suas unhas roídas. Deixei escapar um “Ah, o senhor também rói as unhas!?” ao que ele respondeu ser uma “ótima forma de deixar passar o tempo quando há necessidade de ouvir pessoas enjoadas”. Frequentávamos a livraria Leonardo da Vinci, na avenida Rio Branco. Ele também. Mas nunca nos vimos na Leonardo. Lá soubemos da publicação de alguns de seus poemas eróticos a sair por Edições Alubrimento, com desenhos do artista plástico Carlos Leão. Elaborava-se o “Amor, amores”, em edição de finíssimo apuro, com tiragem de apenas 423 exemplares. Corria o ano de 1976. Havia uma lista quase em branco de futuros compradores. Pedro Pinho e eu nos alvoroçamos à compra em prestações. O poeta tinha 72 anos e é este o número do exemplar que possuo. O livro belíssimo, todo feito a mão, desde a confecção do papel, só veio a público meses depois do acertado, dentro de uma formosa caixa,



RELATO PESSOAL DE CONVIVÊNCIA A DISTÂNCIA

tudo lavra de engenho e labor. A demora decorreu do fato de Drummond acompanhar passo a passo a feitura daquele primor e fazer vetos, uma vez à capa com desenho muito sensual, outra vez, um ponto e vírgula não podia ser, pois o arfar versificatório da frase só demorava o átimo de uma vírgula. O lançamento seria em noite de alta gala. No dia aprazado todos os exemplares estavam assinados, mas o poeta furtou-se à festa. Fugia àquelas homenagens. Num próximo encontro em Copacabana sem nenhuma coincidência, lamentei sua ausência e pedi-lhe uma dedicatória particular em minha preciosidade. Ao pedido, ele brincou de passar-me um pito: "Como você teve coragem de comprar um livro tão caro? Mesmo parcelado, o preço é uma exploração". Marcamos encontro por ali, numa próxima oportunidade, num dia desses. No 18 de agosto de 1976 houve a oportunidade nem sei bem porque. Possuo vários livros com dedicatórias afetuosas desse dia de agosto. E, uma incrível coincidência, exatamente no 18 de agosto de 1977, carregava alguns livros para o caso de encontrá-lo. Nada havia sido planejado a não ser a ventura de um possível encontro entre pessoas que viviam se encontrando. Encontramo-nos. Comento com ele sobre alguns achados em vasculhadas nos sebos do centro do Rio. Um dos livros traz à capa um desenho surrealista de J. Moraes; era "O gerente novela de Carlos Drummond de Andrade", uma raridade editada unicamente em 1945. Quando deparou com o exemplar ficou curioso. Como conseguira aquilo? "Ah, esqueça esse arroubo de novelista, o produto não vale a pena", e disse-me ter em duplicata coisas melhores; levaria O gerente, faria alguns consertos e logo que pudesse o entregaria de volta em meu apartamento. Pedi endereço, o nome já devia saber. Minha alma se gelou: havia perdido o meu O gerente. Quando devolveria? Devolveria? Numa manhã estava em aula na Faculdade de Letras. E por infelicidade minha ele foi fazer a devolução. Bateu devagar na porta. A única pessoa em casa, minha irmã adolescente, ao espreitar pelo olho mágico, teve medo do homem de terno. O Rio começava a infestar-se de ladrões e assaltos. Facínoras se travestiam de entregadores de flores e de carteiros. Minha irmã o confundiu com um malfeitor igual na Morte do leiteiro. Entreabriu-se a porta presa com a correntinha. Pela fresta, perguntou por mim, pela fresta entregou um pacote trazido por quem eu já sabia, observou. Pedi que me desse o



recado Quando o reconheceu, a menina desabalou em seu encalço. Ele já sumia rápido pela escada. Não usara o elevador para descer do quarto andar. O Gerente veio com algumas correções e, junto, uma edição bilíngüe (português e espanhol) de Poemas, editada em 1976 no Peru, e mais uma segunda edição do Boitempo. Todos com dedicatórias; no Gerente, uma mostra da humildade do poeta se dizendo "o velho contista-aprendiz", ele aos 72 anos um aprendiz na lida com o verbo.

Drummond passava por nós leve, livre das vaidades mundanas. Para a magnitude do criador e de suas criações não posava de raro, difícil, olímpico. Era um homem apenas, igual a outro qualquer, a confundir-se com a multidão sem cara e sem nome no ir e vir das ruas e dos ônibus às vezes apinhados de mortais. Era um ser raro pela beleza que moldou com o quase nada de que se tecem as palavras, um tudo, um muito mais em sua escrita encantatória. Na enorme maioria dos casos, ao homem basta um fiapo de glória (quantas vezes?) glórias momentâneas e fugazes (no mais dos casos) glória nenhuma, apenas a ilusão de glória. E lá se arrogam as presunções e as genialidades fátuas. Drummond vivia ao largo dos degraus desses olimpos.

CASO DO VESTIDO

NOSSA MÃE, o que é aquele
vestido, naquele prego?

Minhas filhas, é o vestido
de uma dona que passou.

Passou quando, nossa mãe?
era nossa conhecida?

Minhas filhas, boca presa.
vosso pai vem chegando.

Nossa mãe, disse depressa

que vestido é esse vestido.

Minhas filhas, mas o corpo
ficou frio e não veste.

O vestido nesse prego,
está morto, sossegado.

Nossa mãe, esse vestido
tanta renda, esse segredo!

Minhas filhas, escutai
palavras de minha boca.



RELATO PESSOAL DE CONVIVÊNCIA A DISTÂNCIA

Era uma dona de longe,
vosso pai enamorou-se.

E ficou tão transtornado,
se perdeu tanto de nós,
se afastou de toda vida,
se fechou, se devorou

Chorou no prato da carne,
bebeu, brigou, me bateu,
me deixou com vosso berço,
foi para a dona de longe,
mas a dona não ligou,

Em vão o pai implorou.
Dava apólice, fazenda,
dava carro, dava ouro,
beberia seu sobejo,
lamberia seu sapato.

Mas a dona nem ligou.
Então vosso pai, irado,
me pediu que lhe pedisse,
a essa dona tão perversa,
que tivesse paciência
e fosse dormir com ele...

Nossa mãe, por que chorais?
Nosso lenço vos cedemos.

Minhas filhas, vosso pai
chega ao pátio. Disfarcemos.

Nossa mãe, não escutamos
pisar de pé no degrau.

Minhas filhas, procurei
aquela mulher do demo
E lhe roguei que aplacasse
de meu marido à vontade.
Eu não amo teu marido
me falou ela se rindo.

Mas posso ficar com ele
se a senhora fizer gosto
só pra satisfazer,
não por mim, não quero homem.

Olhei para vosso pai,
os olhos dele pediam.

Olhei para dona ruim,
os olhos dela gozavam.

O seu vestido de renda,
de colo mui devassado,
mais mostrava que escondia
as partes da pecadora.

Eu fiz meu pelo-sinal,
me curvei...disse que sim.

Saí pensando na morte,
mas a morte não chegava.

Andei pelas cinco ruas,
passei ponte, passei rio,
visitei vossos parentes,
não comia, não falava,
tive uma febre terçã,
mas a morte não chegava.



RELATO PESSOAL DE CONVIVÊNCIA A DISTÂNCIA

Fiquei fora de perigo,
 fiquei de cabeça branca,
 perdi meus dentes, meus olhos,
 costurei, lavei, fiz doce,

Minhas mãos se escalavraram,
 meus anéis se dispersaram,
 minha corrente de ouro,
 pagou conta da farmácia.

Vosso pai sumiu no mundo.
 O mundo é grande e pequeno.

Um dia a dona soberba
 me aparece já sem nada,
 pobre, desfeita, morfina,
 com sua trouxa na mão.

Dona, me disse baixinho,
 não te dou vosso marido,
 que não sei onde ele anda.
 Mas te dou este vestido,
 última peça de luxo
 que guardei como lembrança
 daquele dia de cobra
 da maior humilhação.

Eu não tinha amor por ele,
 ao depois amor pegou.

Mas então ele enjoado
 confessou que só gostava
 de mim como era dantes.

Me joguei a suas plantas,
 fiz toda sorte de denço,
 no chão rocei minha cara
 me puxei pelos cabelos,
 me lancei na correnteza,
 me cortei de canivete,
 me atirei no sumidouro,
 bebi fel e gasolina,
 rezei duzentas novena,
 dona, de nada valeu:
 vosso marido sumiu.

Aqui trago minha roupa
 que recorda meu malfeito
 de ofender dona casada
 pisando no meu orgulho.

Recebi esse vestido
 e me dai vosso perdão.

Olhei para cara dela,
 quedê os olhos cintilantes?
 quedê graça de sorriso,
 quedê colo de camélia?

quedê aquela cinturinha
 delgada como jeitosa?

quedê pézinhos calçados
 com sandálias de cetim?

Olhei muito para ela,
 boca não disse palavra.



Peguei o vestido, pus
nesse prego da parede.

Ela se foi de mansinho
e já na ponta da estrada

Vosso pai aparecia
Olhou para mim em silêncio,

Mal reparou no vestido
e disse apenas: Mulher,
põe mais um prato na mesa.

Eu fiz, ele se assentou,
comeu, limpou o suor,

era sempre o mesmo homem:

Comia meio de lado
e nem estava mais velho.

O barulho da comida
na boca, me acalentava,
me dava uma grande paz
um sentimento esquisito
de que tudo foi um sonho,
vestido não há... nem nada.

Minhas filhas, eis que ouço
vosso pai subindo a escada.

Aos domingos, quase todos, saía em passeios com a mulher, dona Dolores, ao longo da avenida Nossa Senhora de Capacabana. A mulher um tantinho farta e lenta em seus anotececeres dominicais. Caminhavam, caminhavam e, ele, quando dava por si, descobria-se adiantado. E, embebido num carinho só denunciado pelo olhar terno, diminuía os passos à espera de que ela o alcançasse. E assim seguia, naqueles passeios e na vida, pacientemente, na seqüência de seus dias simples, sem torres de marfim, sem torres do Anto, sem torres envidraçadas e panorâmicas como a de Montaigne, sem refúgios e esconderijos. Assim seguia, a escrever com simplicidade, apesar de acionar os mais complexos recursos da língua portuguesa, assim seguia o artesão de uma escrita na qual expunha o seu riso em breve frisado na ponta dos lábios, em gozações veladas, ironias sub-reptícias às ridicularias das pessoas, uma escrita a encharcar a página de ternura e solidariedade às dores e faltas do dia-a-dia, uma escrita cheia de alegria diante das alegrias e das esperanças dos homens.

No retorno a Belém houve ainda um encontro, para o poeta, uma surpresa. Um telefonema. Raimundo Jinkings e Carlos Augusto da Silva Sampaio concretizavam a idéia de montar uma pequena editora com a



RELATO PESSOAL DE CONVIVÊNCIA A DISTÂNCIA

intenção de divulgar, para discussão, textos políticos. Era uma forma de reagir ao obscurantismo imposto pelos militares. Eu escolheria o nome da editora. Pensei em Boitempo. Todos aprovaram. E estavam acatados os termos de nomeação do batismo. Faltava, entretanto, pedir a autorização do poeta. Quando telefonei depois da hora do jantar, houve emoção a distância. Ah, você, em Belém do Pará; ah, o senhor, como está. Ele alegrou-se em do Rio estar falando com alguém do Norte distante. Veio clara à mente a voz do disco e a penumbra dentro de que meu pai imergia na poesia. Corria a década de 80. Expliquei sobre o projeto político da editora de dois homens que não se dobraram aos desmandos pós-64. Sentia-me mínima e ansiosa na conversa. Temia que não se lembrasse dos estudantes engendradores das “coincidências” silenciosas pelas vias e travessas de Copacabana. Temia receber uma negativa. Disse-me que se sentia muito alegre com a escolha de Boitempo. Sentia-se muito contente. Agradeceu. Agradecei. Trocamos palavras amáveis. Alguma nostalgia vibrou na fala a distância. Foi o último encontro com a voz da infância. Hoje, acalento a boa memória de que sobressai a força, a delicadeza, a beleza infinita e para sempre da poesia de Carlos Drummond de Andrade.

